



**NOSSES
ANTEPASSADES,
NOSSA
LINHAGEM E
NOSSA
MEMÓRIA**

MEMÓRIAS

por Urutau Guajajara

Katu. Zane Ku'em. Ku'em ty. Herer Urutau tentehar ihe, kuteri Tutxau teko haw Marakana pehar. 62 kuarahy heta ihewe. Axakakar ipucu Jenipapo dos Vieiras, Barra do Corda, Maranhão pe no.

[tradução: Olá, bom dia a todos, bom dia a você (Carlos). Meu nome é Urutau, sou guajajara. Hoje sou uma liderança da Aldeia Maracanã. Tenho 62 anos de idade e nasci na aldeia Lagoa Comprida, próximo da cidade de Jenipapo dos Vieiras, município de Barra do Corda, estado do Maranhão].

Eu falei um pouco em *ze'egete*, minha língua, dei um bom dia para todos, pela hora, que é na parte da manhã [10], agradei a você por essa entrevista aqui, por esse trabalho, disse que hoje eu sou uma liderança aqui da Aldeia Marakana, professor. Disse quantos anos eu tenho e onde eu nasci, na Reserva da Lagoa Comprida, próximo da cidade do Jenipapo dos Vieiras, município de Barra do Corda, no estado do Maranhão, e da importância hoje de estar aqui na Aldeia Marakana.

Eu não sabia, ao chegar ao Rio de Janeiro. Eu vim a convite para um grande encontro. Ali, naquele momento, era o primeiro grande encontro mundial que estava discutindo sobre o clima, que chamaram de Cúpula dos Povos, ECO-92. Já tinha guajajaras por aqui, vários guajajara já tinham vindo por aqui e hoje discutem na Casa do Índio, na Ilha do Governador. Mas tios meus já vieram aqui para se tratar e conhecer a Casa do Índio, lá na Ribeira, na Ilha do Governador. E esses tios já tinham vindo bem antes, passaram por aqui, alguns já vieram e ficaram, outros voltaram que nem eu.

Não me sedentarizei, tive que voltar para o Maranhão, depois vim e me sedentarizei para complementar os estudos. Vim em busca de mais conhecimento e complementei os estudos, ganhei uma bolsa, não tinha condição de pagar e entrar naquela época na universidade era muito difícil, muito difícil entrar. Mas eu entrei e o primeiro curso que eu fiz, na graduação, foi pedagogia. Era na Universidade Estácio de Sá. Depois é que eu vim para a UFRJ, já conhecendo o pessoal de línguas, sempre trabalhando com línguas. Aí eu vim diretamente trabalhar com línguas. Depois, fiz uma pós-graduação lá na UFF em educação indígena: políticas públicas para educação indígena. Um curso muito interessante, mas depois não continuou esse curso lá na UFF. A proposta era de esse curso ir para a UERJ, porque um dos professores principais era da UERJ, José Ribamar Beça. Mas aí Armando Barros, que criou o curso lá, veio a falecer e a coisa não continuou, não ficou na UFF nem aqui.

Já na UFRJ, me cobraram uma outra pós-graduação, já dentro de línguas indígenas, trabalhando sempre a questão das línguas indígenas; culturas e línguas indígenas. No Museu Nacional, da UFRJ, fiz um estudo específico das línguas do tronco tupi, porque eu estava trabalhando a minha língua, para explicar cientificamente a estrutura do *ze'egete*. Era muito chato, a linguística é muito chata, porque é muita teoria. Mas me cobraram também uma coisa que eu não conhecia, eu fui cobrado para fazer meu currículo. O currículo é a sua vida corrida, a partir de quando você começa a estudar. Aí, depois, na faculdade, na pós-graduação, exigiram um tal de currículo Lattes, que é aquilo ali, tudo que você fez, cursos, seminários, você vai somando trabalhos.

Produção de escrita, produção de textos, revista, livro, tudo tem que estar constando ali no Lattes. Mas aí me cobraram entrar na pós-graduação, no curso de mestrado, e tive de fazer o meu memorial e aí foi que pensei: caramba! O que é um memorial? Sabia que estava escrito no próprio nome, memória, né? Memorial.

Aí eu recorri... até, na época, conversando com o Tônico, depois nós fomos conversar com a professora: Urutau, esse seu memorial é aquela sua vida pregressa, lá atrás. Conte a história de onde você nasceu, de onde você veio, de quem você veio. Aí eu falei: ah! Então é para além só da minha história profissional e educacional, é uma coisa lá de trás, né? A minha história lá atrás. Aí eu pensei: caramba! Eu vou ter que falar do Cauiré [11], eu vou ter que falar não só dos meus pais, eu vou falar dos meus avós, eu vou falar dos meus bisavós. Vou falar dos meus tetravós, que estão enterrados lá na Lagoa Comprida, na reserva da Lagoa Comprida, perto da Reserva da Canabrava, no estado do Maranhão.

Então, é para além disso, é eu voltando na minha vida, eu contar quem sou eu, de onde eu vim, onde estão enterrados os meus ancestrais. Diferentemente da reserva da Potyra, que eu só vim a conhecer aqui no Rio de Janeiro, que está mais descendo. Ela vem do Itapecuru e do Pirapemas e dos seus braços, que ela chama de riachos. Eu já venho do grande Rio Mearim, que, junto com o Corda e o Grajaú, desce ali. Mais para a frente tem o rio Gurupi, o rio Itapecuru, os grandes rios.

Então eu sou já do Alto Mearim, próximo de onde ele nasce e banha aquelas reservas Guajajara dali. E eu tive que escrever sobre esses meus ancestrais. E aí eu voltei na Lagoa Comprida sem estar na Lagoa Comprida. Eu tive que voltar a Barra do Corda, porque, quando eu saí da Lagoa Comprida, eu fui morar numa aldeiazinha já bem próxima da cidade de Barra do Corda, na beira do rio Mearim também, como se a gente estivesse descendo o rio Mearim até uma cidade.

Na época, Jenipapo dos Vieiras nem existia ainda, era apenas um povoado de lavradores junto com guajajaras. Eu tive que contar todas essas histórias e aí, já na pedagogia, eu me vi tendo que reviver o tempo todo lá atrás. Eu sentia necessidade de contar todas as minhas histórias, que na realidade existiam só na oralidade. A leitura minha era muito pouca. Até saírem cantos e encantos e raízes [12], passaram-se anos. Por isso, hoje são grandes a necessidade e a importância de vocês transcreverem uma história nossa. Nós temos muita dificuldade na escrita e na leitura.

Então, a oralidade... a oralidade, depois de transcrita, tem uma grande importância para nós, porque é como se a gente estivesse escrevendo. A transcrição de uma história dessa eu acho que é tão válida como se a gente tivesse escrito.

Você viu a dificuldade da Potyra Guajajara, que todos os guajajara, que todos os guarani têm de escrever. E, na maioria dos povos originários, a escrita é muito complicada. Tanto que pouco se escreve em *ze'egete*. Eu tenho muita dificuldade, a partir de quando eu saí, há muito tempo, da minha reserva, de me comunicar, às vezes com os mais jovens agora e com os que ficaram lá. Mas adquirir uma coisa, que é escrita em *ze'egete*, na linguística. Coisa que os que ficaram lá não sabem, não sabem escrever na própria língua. Até dominam o português, que é o *Karaiw ze'eg*, e o *ze'egete*, na fala, na oralidade, mas na escrita não.

E aí tive que juntar essa minha prática na escrita, o meu aprender na escrita, para explicar para eles. São poucos os cientistas que pesquisaram sobre o *ze'egete*, eu só conheci três linguistas, um deles é o Bendor Samuel, os demais são o casal Carl e Carole Harrison.

E, hoje, os guajajara vêm a mim para explicar a eles como é a escrita na língua, que tem pouca escrita na língua, pouquíssima. Agora, o guajajara é falante nativo do *ze'egete*, uma língua do tronco tupi, família tupi-guarani, falada por, aproximadamente, trinta e cinco

mil tenetehara guajajara ao sul do estado do Maranhão, em aproximadamente 120 aldeamentos, na Reserva da Cana Brava, na Reserva da Lagoa Comprida, na Reserva do Araribóia, na Reserva do Ipu, no Bacurizinho. Os guajajara, a partir das décadas de 1930 e 1940, foram separados por causa do grande embate com o meu bisavô, que depois vocês vão ver, que é o massacre do Alto Alegre.

Cauiré Imana, meu bisavô é *Kauire*. Então, a cultura dominante judaico-cristã foi tão cruel, que os nomes relacionados a aves de hábito noturno eram totalmente demonizados, eram totalmente apagados: Caboré, Cauiré, Batoré, Urutau são aves fantasmas, digamos assim, são aves de mau agouro na visão judaico-cristã.

Então, você não vê, não via e nem vê até hoje... você não vê nome de criança, porque a cultura dominante judaico-cristã proibia isso. Urutau? Meu nome, não, me deram o nome de José, Urutau não. Caboré, Batoré, Caiburé, Cauiré não, não, ninguém colocava e, se colocava, aí trocava por José, João, Pedro, Maria, Moisés, Arão, João, José principalmente, e tirava nosso nome. E aí muda totalmente a história.

Como é que aconteceu essa virada, depois de 1901? O meu bisavô foi preso em março, em treze de março de 1901, e foi assassinado na cadeia de Barra do Corda no dia treze de maio. Ele ficou dois meses, março, abril, maio, dois meses apanhando na cadeia de Barra do Corda, e foi assassinado naquele treze de maio de 1901. *Kauire* é um divisor de águas. Então, a saga dos tenetehara guajajara é antes de *Kauire* e depois de *Kauire*. Os descendentes de *Kauire* eram bem poucos e aí aumentaram bastante agora.

Somos, hoje, o terceiro ou quarto grupo indígena com o maior número de indivíduos em todo o território nacional, perdendo aí para os Tikuna, que estão em três países, e os Yanomami, que também estão em dois ou três países. Os Guajajara, certamente, são um dos maiores grupos étnicos em termos de número de indivíduos aqui no Brasil, e, ao chegar ao Rio

de Janeiro, eu tive que reviver, ao contar a minha própria história, eu tive que retornar sempre.

Eu sempre, todos os dias, retorno ao Maranhão, seja em sonho, seja em uma contação de histórias, seja em um pensamento e, aí, eu passei a viver mais no Maranhão, na reserva onde eu nasci, onde cresci, onde passei a minha infância, do que no próprio Rio de Janeiro. Então, eu tenho umas dez histórias contadas na época da pedagogia e trabalhos em escolas que eu repito. Daí vieram os “Cantos e encantos”, com os dez cantos desse livro, e também um pouco da história no “Raízes”, o outro livro.

Para contar essa história e escrever, tive que retornar à escola, tive que me graduar, tive que complementar estudos, diferentemente de muitos. Muitos *tentehar*, muitos guajajara, hoje, recorrem a mim para explicar cientificamente a estrutura da nossa língua na escrita. Muito difícil. Oralidade é uma coisa. Escrita é outra coisa.

Eu me vejo dentro das universidades, nas escolas, hoje, e vejo os dois extremos: às vezes, eu estou falando para decanos da UFRJ, de geografia, de geologia, de biologia, de química, no Fundão, nas faculdades da UFRJ e, ao mesmo tempo, logo à tarde ou no dia seguinte, para crianças de três, quatro anos. Então, tenho que reprogramar a minha fala para esses dois grandes grupos ou intermediários como hoje, por exemplo, quando falei com um grupo de pessoas para a gente fazer um trabalho com jovens universitários.

Mas, tanto num quanto no outro grupo, eu me ponho a contar minha própria história, minha própria vida. E aí não é contar a história de outros. Ali, naquele momento, eu estou vivendo e revivendo a minha própria trajetória, desde que eu saí da Lagoa Comprida, no sentido de Barra do Corda, e de outras cidades, tidas como cidades grandes, mas que ainda continuam sendo pequenas em relação a grandes centros, como Rio e São Paulo.

A cidade de Barra do Corda cresceu, mas cresceu e chegou agora a vinte mil habitantes, trinta mil habitantes. Para o Maranhão, é uma cidadezinha já quase que grande. Imperatriz é maior, São Luís já é cidade quase grande.

Mas, ao sair para Barra do Corda, Grajaú e outras cidades próximas da minha reserva, eu tive que me readaptar, tive que reaprender tudo o que eu aprendi.



Urutau na sala de aulas na Pluriversidade [Universidade] Indígena Aldeia Marakana

Mas o meu aprendizado enquanto criança, enquanto nascido na Reserva da Lagoa Comprida, serve hoje para toda a minha trajetória, então eu conto as minhas próprias histórias, hoje, com tanto orgulho, que algumas delas foram contadas no livro “Cantos e encantos”, não só as minhas, como as da Potyra também.

Quando eu estava em um grande encontro de professores no SESC de Ramos, lá no bairro de Ramos, ministrando uma palestra, veio uma pergunta da filha de uma professora. Aquela pergunta foi inusitada. Naquele momento, eu tive que parar. Oito, nove anos tinha a criança. Qual foi a pergunta da criança? “Urutau, eu quero saber quando você aprendeu a nadar. Quem te ensinou a nadar?”. Aí eu parei, caramba! Sabe que eu nunca pensei nisso?

Porque no meu inconsciente todos os guajajara sabem nadar, já nascem sabendo nadar. Nós fomos criados já na beira de grandes rios, na beira de grandes riachos, na beira de grandes cachoeiras e açudes e lagos grandes. E aí eu falei para ela: olha, ouvi, desde criancinha, das outras crianças, dos mais jovens, dos mais velhos e dos *tamui* que, para você aprender a nadar, você tem que pegar uma piabinha e engoli-la viva. Tem que correr atrás da piabinha, pegá-la com um pouquinho de água, ela viva, e engolir. Pega a piabinha viva, com um pouquinho de água na mão e engole, mas tem que ser viva, se não você não aprende a nadar. Você tem que pegar ela viva.

E, assim, as crianças guajajara, como outras crianças não indígenas também, passavam o dia inteiro, às vezes, correndo atrás de piabinha, para pegar uma. Piabinha é o filhotezinho do peixe, desse tamanhinho assim, mas tem que estar vivo, tem que ser vivo, entendeu? Só estudando pedagogia, dando palestra no Sesc, que veio o estalo ali: caramba! Não é engolir a piaba viva que me faz nadar. É com o ato de correr atrás da piaba que se adquire o hábito de nadar. Mas aquilo a gente não sabia. A gente não sabia que era aquilo. Só sabíamos o que todos falavam: para você aprender a nadar, você tem que engolir a piaba viva. Não pode ser morta. Tem que ser viva.

E aí, a criança de dois, três anos, por si só, aprende a andar, automaticamente aprende a nadar, porque ele vai correr atrás da piaba, primeiro no rasiño, ali, um palmo de fundura, depois meio metro, depois um metro, depois dois metros, três metros, quatro metros, e vai correndo atrás das piaba. Inconscientemente se adquire o hábito de nadar. Não se aprende. É que nem a fala. Você, quando criança, você não aprende a falar. Você adquire o hábito de falar. É a mesma coisa com o nadar.

E aí, só ali, naquela resposta, eu vim a saber disto: que não é engolir a piaba viva que vai me fazer nadar. É com o ato de correr atrás da piaba que eu, naturalmente, vou adquirir o hábito de nadar. Consequentemente, com o andar é o mesmo. Eu não sabia por que as mães guajajara logo fíncavam umas madeirinha quando o moleque só estava engatinhando.

Ficava uma porção de pau, assim, no chão. Aí eu pensava: aqui não tem galinha, aqui não tem porco, aqui não tem nada. Por que os pauzinho enfiado no chão? Observava aquilo. É o chamado *atahal*. *Iwiratahal* são os paus de andar, porque a criança automaticamente já vinha ali engatinhando e se arrastando, mas uma hora ela ia sentir necessidade, naturalmente, de se agarrar em alguma coisa. Então, aquelas madeira, aqueles pau enfiado, assim, pequeno, depois maiorzinho, chama-se *atahal*, andador. *Ata* é o verbo andar. *Atahal* é o andador.

Hoje, aqui, você vê no grande centro aquelas rodinhas assim, aquele negócio onde o pai coloca o filho e a mãe coloca a filha, lá dentro, e eles vão. Lá, não. Na Lagoa Comprida e em todas as reservas lá, nas aldeias, as mães já enfiavam os paus assim, ó, enfiava assim umas fileirinhas de pau. Eu não sabia o porquê, depois vi que era *atahal*. *Iwiratahal* é o pau andador, é o pau de andar. As crianças iam se segurando, daqui a pouco você ia andando e segurando. Saía andando. Então, só aqui no Rio de Janeiro, contando as minhas próprias histórias, é que eu percebi que eu fazia tudo isso e eu tive que retornar ao Maranhão.

Quando eu fui questionado, num grande encontro na faculdade de geografia e geologia, naquele momento estava discutindo Belo Monte. Era 2008, 2009, por aí. Se discutia Belo Monte, aquela coisa ferrenha. Faz, não faz Belo Monte. Também tinha muitos químicos lá e biólogos. Eram juntos, era faculdade do Fundão, da UFRJ. E aí, quando eles me questionaram como é que vai fazer o Maranhão, agora que é um estado rico, com grandes frutas, muitas frutas, diversidade, bioma, tem todos os biomas, e agora o agronegócio atacando, o agronegócio pesado mesmo, monocultura pesada?

Eu tive que retornar ao Maranhão e dizer para eles: olha, o Maranhão foi repovoado com plantas nativas diversas e eu não sabia que eu era o principal repovoador de tanta diversidade de frutas. Eu tive que dizer: olha, eu retornei ao Maranhão agora e eu contabilizei vinte frutas que na minha infância eu comia e não encontrei mais quando eu retornei agora. Frutas que eu comia, assim, saindo no quintal ou um pouquinho mais longe, assim, bastava subir um pouco, assim, mas eu encontrava pitomba, guabiraba, tuturubá e várias outras frutas.

Citei vinte, assim, e quando eu retornei ao Maranhão não vi mais aquelas frutas. E aí me perguntaram por que não tinha mais aquelas frutas. É porque agora você já vê grandes pastos para boi. A monocultura do eucalipto sugando a água onde havia grandes coquezaís de babaçu e plantação de coisas. Agora, tem a grande monocultura da soja: quilômetros e quilômetros andando só dentro de plantação de soja.

Aí, me perguntaram como era que se repovoava tantas frutas no Maranhão, tanta diversidade. Só aí eu entendi, quando eu retornei lá, que quem repovoava era nós mesmos guajajara. Somos os maiores repovoadores, inconscientemente, de tantas frutas. Porque a gente comia guabiraba e engolia com caroço e tudo e, daqui a pouco, lá na frente, cagava e já saía adubado. Aí, comia pitomba, engolia o caroço e tudo, os criurí, os araçá, também os tuturubás e outras plantas, a gente engolia com o caroço e cagava e já saía adubado.

E quando a gente retornava lá naquele lugar dez anos, cinco anos depois, quatro anos, já estavam lá as frutas de novo. E agora cadê aquelas frutas? Tem que se embrenhar quase o dia todo dentro da reserva para poder encontrar uma daquelas frutas e é muito mais difícil. Então, eu tive que falar isso e relembrar toda a minha ancestralidade. Relembrar como os meus pais, avós e bisavós viviam.

O meu pai, eu não sabia, mas ele foi um educador no SPI, Serviço de Proteção ao Índio, nas décadas de sessenta e setenta. Não tinha nem professor. Tinha um cargo de educador. Meu pai era educador. Eu lembrava que ele levou na época lá do SPI um marcador de cavalo e boi também. Quase não tinha função, porque o guajajara levava os boi para lá, mas comia os bois. Era para tirar leite, né? Mas aí, quando o guajajara estava com fome lá, ele comia os bois. Dali a pouco não tinha mais boi, não tinha carne nenhuma. Mas ele tinha outra função. Além de educador, ele também marcava com ferro para dizer que era do SPI. Estava escrito lá no ferro. Depois, eu vi lá no lixo um daqueles ferros, onde estava escrito SPI, com cabo para botar na fogueira e marcar.

Ele era um educador já, filho do velho Caetano, filho do Cauré. Cauré Imana. Olímpio Cruz escreveu o livro “Cauré Imana, o cacique rebelde”. Depois, agora, em 2001, no dia treze de maio de 2001, um vídeo foi lançado falando da história do Cauré, que foi assassinado no dia treze de maio de 1901, um século, cem anos do assassinato de Cauré. Chama-se o massacre do Alto Alegre. Conta, na história, a minha história. Lá atrás, do meu bisavô, e a história dos pais dele também, consequentemente dos meus tetravós, os pais do *Kaui*, que são avós de Caetano, bisavós de Arão e tetravós do Urutau. Então, essa é minha história ancestral. Muitas histórias, muita coisa falando da ancestralidade. São muitos, a gente vai ficar aqui o dia todo, o mês inteiro, porque hoje eu uso a minha própria história. Porque eu falei: poxa, muitos parentes aí estão estragando as histórias, contando a história de outros parentes... não, não!

Eu não vou estragar a minha própria história, vou contar a minha própria história, que já é o suficiente para escrever livros e livros e fazer filmes e mais filmes.

Eu não preciso estar falando de outros parentes. Só falar de mim mesmo, da minha infância... Hoje, as crianças vem aqui e eu conto a história do Urutau, eu conto a história do *ka'i* e de *moyzuhu*, a grande cobra sucuruí, que ainda hoje tem no Maranhão, na região amazônica. É a temida sucuruí, alguns chamam de anaconda. O filme norte-americano chama de anaconda, mas os não indígenas e os não-tenetehara chamam de sucuruí, sucuri, sucuru, sucuruí e nós, guajajara, *moyzuhu*. *Moy* é cobra. *Hu* é a cobra grande. Agora *moyzuhu* é a cobra imensa, aquela cobra de dez metros, nove metros, doze metros de tamanho.

E aí *Ka'i* teve que se esconder para entrar na canoa, porque tinha grande pesca, mas a pesca era depois da grande curva do rio Mearim, que banhava aquelas reservas, que banha ainda até hoje aquela reserva, mas aí tinha uma grande caverna onde ficava *moyzuhu*. E aí eu conto essa história, como conto a história também do *Kaui* e do Urutau e as crianças, de uma certa forma, ficam com medo. As crianças pequenas ficam com medo, mas o medo faz parte também da infância, né? Faz parte da minha história. E tem a história do *Ka'i*, que é um garoto. *Ka'i* é um macaco, como você viu no livro, mas também tem um garoto, um garoto muito levado. Ele também é *Ka'i*, macaco, porque ele faz tanta travessura e tanta travessura, que ele parece um macaco. *Ka'i*, o macaquinho. E apenas contar minha própria história já era o suficiente para livros e livros e livros e mais livros. E essa história também é da ancestralidade.

Eu vim de uma família grande. Os guajajara são de família grande. Eu vim de uma família de dez irmãos vivos. Minha mãe perdeu seis filhos, teve mais dez, total de dezesseis filhos. Então, desses dez, todos nasceram de parteira. Nunca nós nascemos em hospital. Nós, todos nós, nascemos de parteira.

Nós, todos nós, nascemos de parteira. Todos nós tinha a benzedeira dentro e fora da aldeia, tanto na cidade de Grajaú como na cidade de Barra do Corda e agora no povoado. Era um povoadozinho, o Jenipapo dos Vieiras. Eram as benzedeiras! Hoje eu falo isso nas escolas para estudantes de biologia. No sábado passado, vieram os estudantes de biologia da UERJ. Então, eu falei para eles sobre isso. Também mostrei o pé de jenipapo, que é rico em ferro. Às vezes se pergunta: por que é que se acabou tanto jenipapo? Deixou-se a cultura de comer o jenipapo, com a riqueza de ferro que ele tem? No Maranhão, quando aquela criança estava com aquele barrigão, cheia de lombriga, amarela de tanto comer barro, cheia de lombriga e sem ferro nenhum, toda raquítica, quando a mãe levava

ao médico, o médico dizia: “Ô, mãe! Taca Jenipapo nesse menino aí! Dá leite de mamão para ele, que essas lombriga vão sair todinha!”. Aí saía aqueles bolo de lombriga, a criança cagava aquelas lombrigas todas. O jenipapo é rico em ferro e os pais já sabiam, as mães sabiam. Quando o menino já estava começando a viçar arroz cru, milho cru e barro, comendo barro, já se sabia: está com lombriga. E tacavam leite de mamão nele ou então dava um mamão para ele quase verde, cheio de leite ainda, e saíam as lombriga toda; porque já é do próprio guajajara, o guajajara em si já tem esse conhecimento.

Eu contei até uma história pra professora Tânia, minha minha co-orientadora na Linguística,

quando ela pergunta: “Urutau, você fala tanto de *myrico*, *myrikura*, e você nunca falou a diferença entre *myrico* e *myrikura*”. Aí eu falei, nós estávamos num encontro lá na Faculdade de Letras da UFRJ, lá no Fundão. *Myrico* é minha companheira, ela está aqui, *myrico* está aqui do meu lado. Ela está sempre do meu lado. Então, é minha companheira. É a Potyra. *Potyra her myrico*, Potyra é a minha companheira. Está sempre aqui comigo. Agora, *myrikura* está dentro de mim.

Myrikura, que é a lombriga. Então, no consenso guajajara, sempre tem lombriga dentro de mim. Então, já é como se fosse do próprio organismo, porque se come muita fruta do chão, aquela coisa.

E nós não conhecíamos esse tal de cloro, né? Então, *myrico* é a Potyra e *myrikura* já está dentro de mim. Lombriga é *myrikura*. Minhoca é *myrikura* também. Essa é a diferença da *myrico*, que está aqui do meu lado, para *myrikura*, que está dentro de mim. E, para tirar ele dentro de mim, usa-se o próprio alimento. Uma das coisas mais corriqueiras é o leite de mamão, que faz a lombriga sair lá de dentro. Hoje não se vê mais isso, vai-se à farmácia. Nunca mais eu vi o abiu, nunca mais eu vi o sapoti.

Também não tem mais na Zona Norte, Zona Oeste, não tem mais plantação nos quintal, não tem mais jenipapo, não tem mais abiu,

Faixas penduradas na Aldeia Marakana, resultado da pesquisa sobre os grafismos típicos de cada etnia que já esteve lá.



não tem mais pitomba, não tem mais o sapoti que se via na infância. Todos os quintais tinham, agora não tem mais, cadê? A farmácia tira isso e fala para as mães: agora tem que comprar um antibiótico, comprar um negócio na farmácia. Não se receita mais o ferro do jenipapo e de outras frutas.

Então, hoje, a história que eu canto nas universidades, nas escolas é a minha própria história, da minha infância, da minha ancestralidade, dos meus avós, dos meus tetravós, dos meus pais. Então se tornou muito mais fácil do que eu omitir minha própria história, minha própria ancestralidade e daí saiu o livro, saiu o “Cantos e encantos”, saiu “Raízes” e vão sair vários outros agora. Vamos contar nossas histórias.

E eu queria também dizer que o diferencial desse livro é que ele seja bilíngue também. Como saiu o “Minhas artérias, minhas raízes”, faça nesse livro também, porque é bem interessante, é o diferencial. Vários tópicos, que vocês escrevam em *ze’egete*, me pergunte e eu traduzo ali. Quando eu falo *Zane Ku’em*, estou falando bom dia para todos. Escreva isso no livro. Vem aqui, a gente transcreve lá e olha, isso aqui em português é assim, isso aqui Urutau falou, a Potyra falou, que em *ze’egete* é assim.

Esse vai ser o diferencial, porque as pessoas estão habituadas ali só em português. *Karaiw ze’eg* é a língua do português, é a língua do branco, *Karaiw ze’eg*. Mas não estão habituadas a ler em tupi. Então, essa vai ser a grande pegada desse livro, o grande diferencial desse livro. Vamos escrever em tupi, vamos escrever e traduzir tudo português-tupi, tupi-português. *Karaiw ze’eg* - *ze’egete*, *ze’egete* - *Karaiw ze’eg*. Porque chega só de português, chega só de português.

A nossa raiz é exatamente isso, é você escrever na língua também. Nós estamos fazendo uma grande revolução na escrita, que é escrever numa língua que é uma língua natural, uma língua nossa, mas que jamais você vai ver assim numa escrita que se escreveu na UFRJ, por exemplo. O que você lê na UFRJ, você até lê em línguas que foram até mortas já. Eu questionei na UERJ e na UFRJ.

Aqui vocês têm os professores e pesquisadores até em línguas mortas: latim, sânscrito, nunca nem ouvi falar nessa língua, tem professor estudando sânscrito. Do grego antigo, do grego não sei das quantas, mais outras línguas aí que foram, já se foram, ninguém fala mais, mas tem professor.

Mas não existe uma língua, um curso em língua natural, língua indígena, não existe, isso é a maior discriminação linguística. Essa é a maior discriminação linguística: não ter nas universidades uma matéria, um professor, um estudante de línguas naturais, de línguas indígenas. Não tem.

Então, essa é nossa grande cobrança agora e esse livro vai ser a grande diferença também em começar a escrever na língua e dizer: olha, estamos escrevendo sim, nós estamos começando a fazer essa revolução que é a revolução linguística em uma língua indígena, uma língua natural.

Eu acho que cada vez que eu sou cobrado, e aí o guajajara ele tem essa necessidade de também ser cutucado, é um incentivo pra mim retornar às minhas origem. Não é que o guajajara abandonou. Agora, mais do que nunca, a gente está na reserva. Agora mais do que nunca a gente está tomando conta daquela reserva, sabendo da importância do próprio guajajara tomar conta daquela reserva ali. Não se sabia, naquela época, não sabia. Hoje o agronegócio ataca, mas o guajajara já tem a consciência de que tem que preservar e tem que enfrentar o inimigo que é aquele que vai destruir através da monocultura e através de destruir a terra.

Então quando você pergunta qual a importância de ter vindo e estudado, é procurar entender cada vez mais o passado. Então, aí eu encontrei uma grande frase, eu até às vezes mudo essa frase, que vou te falar pra você colocar nesse livro, que é como eu vou passar pra esse pessoal aí que sempre me cobra, os professores, pra eu não falar muito do passado: Lá vem o Guajajara com esse passado aí, dele. Lá vem o Guajajara com a história lá de trás. Lá vem o Guajajara com a história do genocídio.

Mas como é que a gente vai entender o futuro se a gente não entende o nosso passado?

Então eu digo nas universidades: olha, vocês me cobram de eu não falar muito lá no passado, do genocídio, que eu sou muito chato falando do genocídio, falando do passado. Mas para entender e a gente projetar o nosso futuro, inclusive, nós temos que reaver, reviver esse passado. Reescrever, reeditar e recontar esse passado.

Senão nós não conseguimos projetar nosso futuro e nem falar desse presente. E eu falei uma frase que ela ficou imortal. Eu quero que você coloque em rodapé essa frase. Essa frase eu sempre aumento um ponto depois que eu faço esse conto. Ela é uma frase viva, é frase até mesmo que eu já tinha até lido parte dela. Então eu remonto, toda vez eu remonto essa frase, contando mais uma coisinha. Eu disse e digo que:

o europeu quando invadiu essa parte das Américas que hoje chama-se Brasil, ele pisou duro, duro nessa terra, tanto que os rios cresceram. O mar ficou mais salgado, mas foi com a lágrima dos nossos ancestrais. A lágrima dos nossos povos, a lágrima dos nossos *tamui zary* e a lágrima dos mais velhos. Quebraram nossos troncos, cortaram os nossos galhos, mas não conseguiram arrancar nossas raízes. Até nos enterraram. Nos trucidaram, nos genocidaram. E ao enterrar, não sabiam que nós éramos sementes, nós éramos a própria terra, nós somos sementes e sementes quando você enterra, elas brotam, elas nascem. E essas sementes brotaram e vão continuar brotando nas Mainumis, nas Maíras, nos Uirahus, nas Pirazumas, nas Eloás, nas Alices, nos Yrihus, que são as crianças guajajara brotando aí, e de todos os povos.

Toda vez que é contado o que eu conto, eu sempre aumento um ponto, sempre é uma frase muito viva, ela nunca é estática. Eu estou sempre aumentando alguma coisa.

A cultura dominante diz que ia nos enterrar pra tentar apagar completamente. O meu desejo é que esses brotos nascem cada vez mais e, mesmo sendo enterrados, trucidados, genocidados e apagados, que não se apaguem, continuem aí nascendo, nascendo, nascendo e brotando cada vez mais. E que venham todos os brotos aí e prossigam e continuem com esse barco, remando esse barco cada vez mais. Continuem essa história, não deixem apagar nunca essa história.

Essa universidade [13] é um grande sonho, possível de ser realizado. Agora mesmo nós estamos na luta de assumir um órgão muito importante que é a Casa do Índio, na Ilha do Governador. A questão atual agora é a luta para assumir esses espaços que nós nunca experimentamos. O Museu do Índio foi fechado, mas através de uma cobrança minha. Foi fechado em 2016 e está fechado até hoje, mas nós vamos reabrir. Apenas eu disse, protocolei no Ministério Público Federal e na Polícia Federal, que aqui precisa de um diretor indígena, nunca teve.

A FUNAI de Brasília, a gente tem pelo menos que experimentar. Os próprios parentes meus falavam que não queremos indígena na FUNAI de lá, porque a gente vai dar porrada pra todo mundo. Isso era 2011, 2012. Depois de quinhentos e doze anos, quinhentos e treze anos, nós temos que, pelo menos, experimentar. Talvez dê certo ou não, mas pelo menos ter o prazer de experimentar um presidente na FUNAI, um diretor nos órgãos indígenas, um diretor no Museu do Índio em Botafogo (a nossa proposta é que seja uma diretoria coletiva composta por mim e mais seis mulheres indígenas), um diretor no museu indígena Goeldi e outro dos Tikuna e os próprios Tikuna lidando com as suas própria questões, não tem, até hoje não tem.

Nenhum diretor, nenhum presidente de um órgão que seria destinado pra nós, um diretor indígena. Agora talvez a gente experimente. Não tinha Ministério, agora tem o Ministério. Então, esse é o grande desejo: de nós assumirmos o nosso próprio espaço.

Notas:

[10] Esta é a transcrição da fala de Urutau Guajajara em um encontro feito na Aldeia Marakana, no dia 21 de março de 2023, pela manhã.

[11] Para os guajajara, Cauré (*Kauire*) é uma espécie de Coruja.

[12] “Cantos e encantos” e “Raízes” (Em nossas artérias, nossas raízes), são nomes dos livros produzidos pela Aldeia Marakana e lançados recentemente em 2023. O primeiro sobre arte e cultura, mostrando alguns cantos em *ze'égete* que são abordados nas oficinas de cantos realizadas na Aldeia Marakana, o segundo com reflexões sobre diversos temas, entre eles, a relação com a terra, ancestralidade, cultura, juventude e medicina tradicional.

[13] A Universidade citada é a Pluriversidade Indígena Aldeia Marakana.



Urutau durante aula do curso de Línguas e Culturas Tupi-Guarani, na aldeia Marakana, em 2022



Urutau fazendo pintura corporal com grafismos que representam o cocar do guerreiro e o trançado da cestaria guajajara